

PERFORMANCE ARTE COMO POLÍTICA DE RESISTÊNCIA

Bruna Leticia Potrich (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM)¹
Gisela Reis Biancalana (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM)²
Marcella Nunes Rodrigues (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM)³

RESUMO

O trabalho em questão busca apresentar e discutir a Performance denominada Encruzilhadas de tempo e vida. A Performance mencionada compõe uma série poética, que juntas constituem uma pesquisa de mestrado em artes visuais, ainda em desenvolvimento. A pesquisa gira em torno das relações de gênero e poder no tradicionalismo gaúcho e busca, pela via de uma perspectiva autoetnográfica o questionamento a respeito das mesmas. O presente trabalho tem por objetivo uma discussão sobre arte e política, buscando observar e apontar para o caráter de resistência presente na arte contemporânea e na Performance Arte. Afim de fundamentar essa reflexão são trazidos autores como Medeiros, Fabião, Agra, Rancière, Buratto e Groys. Assim, acredita-se no potencial da arte do-no-pelo corpo como provocadora de questionamentos e discursos reflexivos e singulares que vislumbrem a igualdade de gênero.

PALAVRAS-CHAVE

Performance Arte; Política; Resistência; Gênero;

ABSTRACT

The work in question seeks to present and discuss the performance called Crossroads of time and life. The aforementioned Performance composes a poetic series, which together constitute a research for a master's degree in visual arts, which is still under development. The research revolves around the relations of gender and power in the traditionalism of Rio Grande do Sul and seeks, through an autoethnographic

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFSM). Bolsista CAPES. Graduada em Dança Licenciatura (UFSM). Integrante do grupo de pesquisas Performances: arte e cultura, vinculado ao CNPQ. Email: brunaleticiapotrich@gmail.com.

² Professora associada na UFSM, Artes Cênicas (1995-2014) e professora no Curso de Dança (2014-) Membro permanente no PPGART com pesquisas transversais em performance. Pesquisadora em artes performativas de cunho sociocultural e político. Mestre (2001), Doutora (2010) em Artes/ UNICAMP. Pós-doutorado na De Montfort University, UK. É líder do grupo Performances: arte e cultura/CNPQ e coordena o LAPARC. Contato pelo e-mail: giselabiancalana@gmail.com.

³ Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFSM). Graduada em Dança Bacharelado (UFSM). Participante do grupo de pesquisas Performances: arte e cultura, vinculado ao CNPQ. Desenvolve pesquisas relacionadas à Dança e a Performance Arte, atreladas ao feminino. Email: marcellanunesrodrigues@gmail.com

perspective, the questioning about them. This work aims to discuss art and politics, seeking to observe and point to the character of resistance present in contemporary art and in Performance Art. In order to support this reflection, authors such as Medeiros, Fabião, Agra, Ranciére, Buratto and Groys are brought. Thus, we believe in the potential of art from-in-the-body as a provocateur of questioning and reflexive and singular discourses that envision gender equality

KEYWORDS

Performance Art; Politics; Resistance; Gender;

As manifestações da arte contemporânea mostram-se multifacetadas permitindo aos artistas uma grande liberdade de experimentação, exploração e múltiplos fazeres atravessando fronteiras entre artes e entre campos do saber. A arte contemporânea, portanto, não possui um único formato, ela constitui um campo expandido de saberes mesclados, fronteiras borradas e um espaço-tempo fértil repleto de possibilidades para criar, fazer, investigar, sentir e agir. Como resultado dessa efervescência produz-se um “fenômeno cuja estratégia consiste, parcialmente, em resistir à categorização e à classificação pelo discurso teórico-crítico e em criticar os poderes estabelecidos, sobretudo aqueles que atualmente delimitam a instituição Arte” (COCCHIARALE, 2004, p. 69). Observa-se, portanto, a amplitude de pensar/fazer na arte contemporânea. A discussão que se coloca, aqui, consiste da reflexão sobre estes cruzamentos, aqui debruçados sobre as relações recorrentes entre arte e política. Portanto, arte e política de resistência aparecem na poética proposta emoldurando a série de performances em elaboração e calcadas em questões de gênero.

A pesquisa, até o momento, desenvolveu a primeira performance da série denominada *Encruzilhadas de tempo e vida*. A Performance mencionada compõe esta série poética, que juntas pretendem constituir a pesquisa de mestrado em artes, ainda em desenvolvimento. A pesquisa em artes gira em torno das relações com perspectivas socioculturais como as questões de gênero e poder no tradicionalismo gaúcho. Seu diálogo com as Ciências Humanas não se resume ao contexto sociocultural, mas busca, pela via de uma perspectiva autoetnográfica o questionamento a respeito das relações de gênero ali estabelecidas. Desse modo, o trabalho tem por objetivo entrelaçar arte e política apontando seu caráter transgressor de resistência, tão presente na arte contemporânea e na Performance Arte. Afim de fundamentar essa reflexão são trazidos,

principalmente, autores como Agamben que fornece um modo de olhar para o mundo contemporâneo e, conseqüentemente para a arte contemporânea; Medeiros, Fabião, Agra e Castanheira, para refletir sobre os fundamentos da Performance Arte; Rancière, Buratto e Groys sustentam o discurso sobre arte-política; e Scoott, Louro e Grossi fundamentam as discussões sobre gênero, e Versiani a respeito da autoetnografia. A arte do-no-pelo corpo carrega um potencial para provocar de questionamentos e discursos singulares, muitas vezes insurgentes, que vislumbrem a igualdade de gênero.

O texto tem o intuito, primeiramente, de situar a pesquisa como um todo, de forma breve e sucinta, a fim de recortar o ponto escolhido para esta reflexão escrita como parte da investigação. Em seguida, o percurso reflexivo se encaminha para a arte contemporânea e a Performance arte, especialmente embrenhando-se pelo seu direcionamento político a partir dos autores supracitados. Nesse sentido, a questão investigativa articula Performance Arte, política de resistência e gênero. A articulação posta sustenta a prática artística e expõe o processo criativo da videoperformance denominada *Encruzilhadas de tempo e vida* apontando, ainda, seu trânsito colaborativo.

Essa pesquisa prático-teórica em arte contemporânea visa a construção de uma poética em Performance Arte calcada nas relações de gênero e poder no âmbito do tradicionalismo gaúcho. Enquanto abordagem metodológica o procedimento investigativo se utiliza da autoetnografia ao entender a relação artista-pesquisadora imersa no contexto. Assim, busca-se uma discussão a respeito do contexto ampliado sobre a transversalidade da arte e da Performance, especificamente, como política de resistência do corpo como irradiador de discursos singulares. Este último ponto da pesquisa foi destacado para ser ponto focal deste texto.

Para alcançarmos um pensamento sobre a ampla e complexa gama de possibilidades criadoras no âmbito da arte contemporânea, destacamos, inicialmente, o pensamento de Agamben. Ao explanar sobre quem é contemporâneo Agamben (2009, p. 63) utiliza-se de uma comparação sobre as luzes e o escuro e aponta que “pode-se dizer contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século[...]”, e ainda “é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpela-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele” (Agamben, 2009, p. 64). Desse modo, é possível compreender que as/os artistas, recorrentemente, são capazes de perceber o escuro acabam por firmar um compromisso no sentido de investigar, poeticamente, as questões do mundo contemporâneo que a/o interpelam.

Ao incorporar as características da arte contemporânea a Performance Arte mostra-se uma manifestação flexível e que, portanto, permite um caminho investigativo no qual as possibilidades são múltiplas. Nesse sentido autoras e autores recorrentemente pontuam e concordam ao situar que a Performance resiste a definições e formatações. Diante de tal entendimento, Agra aponta que a “própria denominação ‘performance’ é atravessada de múltiplos sentidos” (AGRA, 2011, p. 16). O autor nos recorda que o próprio termo pode ser utilizado de várias maneiras e em diferentes contextos, com isso ele nos chama a atenção justamente para a possibilidade de empregá-la em muitos sentidos, observando, portanto, sua versatilidade. Assim, também a Performance se mostra e se constrói enquanto manifestação artística, sempre resistindo as definições e formatos rígidos e cristalizados. Coutinho também contribui ao discorrer sobre a

dificuldade em definir de forma clássica o objeto da performance: ele não é algo exterior a nós mas produz-se numa continuidade entre sujeito e objeto (...) Além disso, sendo uma filosofia fundada nos usos do cotidiano e não na procura de um modelo ideal que o transcenda, qualquer definição formal de Performance, se necessária, teria de dar conta de todas as possibilidades de ocorrência concreta, logo, de todos os contextos de experiência. (apud AGRA, 2011, p.12)

Na fala proposta pela autora podemos novamente constatar o campo expandido que a Performance nos proporciona. Além disso, outro ponto interessante que podemos destacar e discutir aqui, tendo em visto a colocação de Coutinho, diz respeito às problemáticas e questões frequentemente abordadas. Muitas Performances trazem à tona questões políticas, e se aproximam intimamente da vida e do cotidiano das/dos artistas inseridos em seus contextos socioculturais. Trata-se então, de uma manifestação que se revela pelo seu trânsito entre arte e vida. Elas buscam, ativamente, modos de questionar, problematizar, interferir e discutir sobre o mesmo. Sendo assim, “a performance [...] busca secreções e contaminações sem temer os contágios” (MEDEIROS, 2017, p. 38). Tais contaminações evidenciam-se no corpo das/dos artistas em estado de arte e através deles podem contatar e afetar outras pessoas, lugares e se resignificarão nesse processo. Dialoga com esta ideia, algumas considerações destacadas por Rolla, nas quais o autor destaca que a performance

quer ser penetrável, transformadora de espaços, pessoas e mentes. O ambiente da performance quer ser mutante e mimético. Em sendo ela muito flexível, pode desenvolver diálogo entre muitas áreas do conhecimento do homem. Mas o que é mais interessante disto tudo é que este fenômeno acontece principalmente através do poder de transmissão sensível da presença do corpo, imagem e energia. O corpo do performer envolve este espaço e o constrói, fazendo-nos perceber tudo como um corpo único. (ROLLA, 2012, p. 125)

Além disso, destaca-se o corpo político na arte e seu papel de resistência através de uma transmissão sensível. As/os performers trazem incorporados seus questionamentos e reflexões e, através do corpo como centro irradiador desta prática artística, fazem da arte e da Performance um modo de resistir/existir no mundo. Pesquisa, arte e sujeito coexistem, encontram-se imbricados, ou seja, o indivíduo é atravessado por suas questões e as re(significa) em estado de arte. Seguindo essa reflexão Castanheira contribui ao argumentar que “ser artista é um modo de existir no mundo quase sempre inquieto e desestabilizador do *status quo* e, por isso mesmo, embebido de determinada ética e posicionamento político” (CASTANHEIRA, 2016, p. 38). Entendemos assim, a impossibilidade de permanecer neutras frente as situações cotidianas que nos tocam e desestabilizam. Desse modo, nos sentimos convocadas a agir pelo corpo em estado de arte reverberando suas escolhas de resistência política de gênero no âmbito do tradicionalismo gaúcho.

Em virtude do exposto encontramos na Performance um lugar de acolhimento das questões propostas pela pesquisa, evidenciando aqui seu caráter enquanto política de resistência. Para aprofundar esse diálogo buscamos compartilhar o processo de criação da videoperformance *Encruzilhadas de tempo e vida*. As três autoras deste texto possuem pontos investigativos comuns. Todas estão conectadas pelo grupo de pesquisa sobre a Performance Arte em suas aproximações com contextos socioculturais. Todas investigam questões de gênero. No entanto, uma das artistas tem uma relação íntima com o tradicionalismo gaúcho e apresenta uma perspectiva autoetnográfica. Desse modo, foram levantadas e debatidas diversas questões colaborativamente, o que tem contribuído no processo de criação e escrita ao gerar os questionamentos, reflexões e experimentações discutidas aqui.

Sendo assim, ainda vale ressaltar a importância e potência do trabalho colaborativo tendo em vista as trocas e relações construídas através do mesmo. Conforme Biancalana (2018, p. 11) “a colaboração, desta forma, implica a aceitação do instável. Ela realiza permutas de saberes, movimentando o conhecimento. O colaborativo desenvolve relações diferenciadas entre indivíduos heterogêneos definidos como singularidade”. Nesse sentido, também Oliveira contribui ao apontar que “são fazeres que visam a circulação do conhecimento, sua integração e contaminação por diferentes lugares, falas e metodologias pertencentes a cada cotidiano.” (OLIVEIRA, 2020, p.59). Portanto, seguindo tais linhas de pensamento e prática, se expande a construção dessa escrita-reflexiva.

Dito isto, nos debruçamos agora a apresentar o processo criativo da videoperformance em questão. *Encruzilhadas de tempo e vida* teve como mote propulsor a galeria de padrões do CTG Taquaruçu. Esse disparador leva em consideração as experiências, vivências e memórias da primeira autora-artista-pesquisadora e suas relações com o tradicionalismo gaúcho. A galeria de padrões se refere aos retratos das pessoas que já lideraram a entidade. Assim, a videoperformance foi composta pensando em mostrar essa linha do tempo desde a fundação da entidade em 1969, até os dias de hoje. No total, a entidade teve dezessete patronagens⁴ e desse total, dezesseis foram homens. Apenas no ano de 2014 a primeira mulher foi eleita patroa da entidade.

Nesse trabalho a criação poética construída a partir das relações autoetnográficas permitiu que as memórias de situações vividas ao longo de anos inserida nesse contexto reverberassem no corpo em estado de arte. As lembranças trazem à tona recordações nas quais as figuras de autoridade e poder consistiram na presença masculina. Desse modo, as decisões e méritos nesse contexto sociocultural estavam associados a figura dos homens. Assim, ao voltar para esses retratos na galeria de padrões, hoje com um olhar crítico, foram percebidas as figuras das mulheres, suas esposas, ao lado desses homens. Foi intrigante pensar nessa presença que ora se faz ausência. Ela está ali, ao lado do marido, o patrão, sorrindo, mas seu nome e suas contribuições não estão em nenhum registro, é como se não existissem.

Os elementos escolhidos para compor essa videoperformance foram os quadros da galeria de padrões do CTG Taquaruçu. Eles foram trazidos em ordem cronológica como ao longo dos anos. As imagens fotografadas se modificaram em certos aspectos. Ainda a artista-performer optou por extrair dos retratos alguns elementos da vestimenta para pensar e trabalhar a ideia de aproximação x afastamento com esses sujeitos retratados. Esse ponto foi incorporado ao trabalho enquanto um dos aspectos apontados e discutidos via olhar colaborativo. Além disso, são trazidas as joias – brincos, anéis, camafeu – da prenda que ao fim aparecer se despindo dos mesmos, buscando desconstruir a ideia da mulher delicada, bela e meramente ilustrativa.

Além disso, optou-se por incorporar o uso de uma música que busca contribuir no sentido de contrapor as ações e ideias propostas. A sonoridade é uma adaptação de um fundo musical utilizado para a declamação de poesia no contexto do tradicionalismo

⁴ Diz-se patronagem para a diretoria de uma entidade tradicionalista. Utiliza-se também para se referir a figura de liderança no caso patrão e/ou patroa.

gaúcho. A declamação é uma atividade que se nota uma forte presença feminina, mas os homens podem participar. Há atividades em que a mulher não pode participar, como por exemplo a chula, ou outras que tem baixa adesão como é o caso da trova. Aqui, o fundo musical foi moldado pensando em um ciclo de repetições, observando também a trajetória do movimento tradicionalista. Mais ao fim, um destoar de cordas se torna insistentemente intrigante buscando apontar para uma possível quebra de paradigma. Assim, essa sonoridade é ressignificada e apresentada de modo distorcido para intensificar, sutilmente, também pela via da audição, a tentativa de chacoalhar a ideia dominante.

A ação performativa consiste, primeiramente, no confronto (Figura 1). O que se busca é o embate do eu x outro, eu x mundo, sujeito x cultura. Ao executar essa ação buscou-se estabelecer esse paralelo face a face, vislumbrando essa presença masculina registrada para permanecer na história. Nesta primeira imagem a mulher sequer aparece. A mulher-performer-prenda que passa sem permanecer é ausência e apagamento.



Figura 1 - Frame da videoperformance intitulada *Encruzilhadas de tempo e vida*.⁵

Ao longo do tempo as mulheres vão gradualmente se fazendo presente nas fotografias. Encontram-se ainda em segundo plano e suas contribuições e seus nomes

⁵ Fonte: Milena Colognese, Santa Maria/RS, 2020.

ainda permanecem apagados. Uma história narrada e creditada pelos homens. A artista-performer segue percorrendo essa a linha do tempo em confronto (Figura 2) vislumbrando, nessa galeria de retratos, o devir no qual as mulheres ganham voz. na medida em que é apenas figurativa.



Figura 2 – Frame de *Encruzilhadas de tempo e vida*.⁶

Em um momento ainda posterior, e bastante recente, a primeira mulher assume o cargo de liderança e aos poucos faz ecoar a voz das mulheres (Figura 03). Para além disso, pretende-se mostrar um lugar no qual elas tenham força de ação e poder de mudanças. Com isso, nós artistas-pesquisadoras também assumimos o compromisso de resistir e denunciar pela via do corpo em Performance. A ação performativa visa contribuir com a luta e construção de espaços para que as mulheres sejam reconhecidas, valorizadas e possam encontrar-se lado a lado com os homens, não à frente ou atrás. Assim, acreditamos na necessidade de tais discussões para que as vozes femininas sejam ouvidas, e para que posturas e atitudes conservadoras, machistas e opressoras deixem de ser reproduzidas, mesmo as que se repetem inconscientemente.

⁶ Fonte: Milena Colognese, Santa Maria/RS, 2020.



Figura 3 - Frame *Encruzilhadas de tempo e vida* – Mulheres na luta.⁷

O desejo dessa criação poética se baseou na realização de um trabalho insurgente para o contexto em questão. A intenção era que ele provocasse, que fizesse refletir e repensar os valores machistas vigentes e reproduzidos a décadas. Além disso, acreditamos que a videoperformance cumpre com o papel ao qual se propôs, e com eles observamos que o trabalho se ressignifica e pode ganhar outros sentidos. Ou como mencionado por Versiani (2008, p. 22) ao apontar que cada indivíduo vê o mundo por um par de lentes específicas. Cada sujeito tem uma construção histórico, social, cultural e essas são incorporadas ao pensar, fazer, sentir, ver e agir no mundo. Portanto, cada indivíduo entende e significa o mundo de acordo com estas construções.

Considerados os caminhos percorridos até aqui entendemos e percebemos que a performance se constitui como uma provocação, como ato político e de resistência, que pode romper e desafiar posições ideológicas fixadas. Buscou-se, portanto, com esta poética reflexões críticas propondo um campo de resistência por via da arte para dessa maneira desacomodar o olhar enrijecido, dominante e às vezes opressor e que assim, as pessoas possam ver, pensar e questionar por si mesmas. Sobre as relações da arte

⁷ Fonte: Milena Colognese, Santa Maria/RS, 2020.

enquanto forma de resistência, Rancière assinala que “dizer que a arte resiste quer dizer que ela é um perpétuo jogo de esconde-esconde entre o poder de manifestação sensível das obras e seu poder de significação” (RANCIÈRE, 2002, p.421). Essa afirmação, nos leva a perceber a complexidade de produzir arte. Pensar arte e resistência significa um compromisso entre os signos e a criação sensível.

A arte ativista busca ser um meio de protesto das questões sociais, culturais e políticas no mundo contemporâneo que promovem desigualdades e merecem atenção. Desse modo, Groys aponta que os artistas

[...] não querem simplesmente criticar o sistema de arte ou as condições políticas e sociais gerais sob as quais este sistema funciona. Em vez disso, eles querem mudar essas condições por meio da arte – não tanto dentro do sistema de arte como fora dele, o que significa mudar as condições da realidade em si. (GROYS, 2017, 206)

Porém, é preciso mais do que criticar os sistemas, convenções e estruturas dados, é preciso agir no sentido de ser um ser veículo possibilitador de mudanças. Assim, a arte ativista e seus artistas, “querem ser úteis, mudar o mundo, tornar o mundo um lugar melhor – mas, ao mesmo tempo, eles não querem deixar de ser artistas” (GROYS, 2017, p. 206). Isso significa que o fazer artístico vem em primeiro plano. O grito de alerta vem em forma de arte. O discurso artístico é um meio provocador por que fala por meio da razão objetiva, mas por meio de sua materialidade, sua visualidade, sua ação, suas sonoridades. O discurso poético encontra o outro meio, o campo do sensível para cutucar as realidades cristalizadas que urgem por reflexão e mudança.

Outro aspecto fundamental a ser mencionado é que grande parte das manifestações artísticas de cunho político são movimentadas por coletivos ou colaborativamente. Aqui, as ações colaborativas, além de contribuírem para a expansão de sentidos dos trabalhos em fluxo, também se torna uma agregadora e multiplicadora das propostas que buscam difundir. O trabalho debatido no trio de autoras se reverbera pelo grupo de pesquisas somando colaborações. A partir disso, o trabalho ganha substância ao ser contaminado pelos efeitos de ser debatido no Programa de pós-graduação, nos eventos acadêmicos que transita e se difunde pelas redes sociais no contexto pandêmico absorvendo, ainda, os comentários recebidos.

Por fim, o recorte da pesquisa trouxe os argumentos apresentados e pensamentos compartilhados até o presente momento. Portanto, eles não se concentraram em outros aspectos também constitutivos da pesquisa como as suas referências de gênero e a autoetnografia. Aqui, eles se debruçaram, especificamente, sobre a potência dos

trabalhos poéticos em Performance enquanto política de resistência e promotores de questionamentos e reflexões dos padrões vigentes. Assim, ao estabelecer contato com as secreções da vida cotidiana, a poética afeta e vai sendo constantemente afetada e ressignificada por elas. Desse modo, evidencia-se o papel político de resistência desenvolvido por esta poética artística que, mais do que criticar, busca agir no contexto em questão pela via do corpo em estado de arte. O corpo se torna centro irradiador dessas questões, e é pensando aqui não como ferramenta da arte, mas sim em seu estado de arte. O corpo em ação pode ecoar e colaborar para construção de discursos singulares de luta e resistência capazes de promover reflexões críticas e sensíveis que aliam e entrelaçam questões entre arte e vida.

REFERÊNCIAS CITADAS

AGAMBEN, Giorno. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. [tradutor Vinicius Nicastro Honesko]. Chapecó, SC: Argos, 2009.,

AGRA, Lucio. Porque a Performance deve resistir às definições (na indefinição do contemporâneo 2.0). In: **VIS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte**, V.10, nº 1. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte, 2011, p. 11-17. Disponível em: < https://superficialdosensivel.files.wordpress.com/2013/03/revista_do_programa_de_pc3b3sgraduac3a7c3a3o_em_arte_da_unb_v10_n1_janeiro_junho_2011.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2020.

BIANCALANA, Gisela R. Performance Arte: multidisciplinariedade colaborativa como experiência sensível. In: **ARJ - Art Research Journal**, v.5, n.1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/12510>. Acesso em: 11 ago. 2021.

CASTANHEIRA, Ludmila de Almeida. **A performance como modo de existência:** relato a partir do interior das coisas. 2016. P. 135 Dissertação (Doutorado em Artes da Cena) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

COCCHIARALE, Fernando. A (outra) Arte Contemporânea Brasileira: intervenções urbanas micropolíticas. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA**, UFRJ, 2004. Disponível em: <https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae11_fernando_cocchiarale.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2021.

GROYS, Boris. **Sobre o Ativismo Artístico**. Niterói: Poiésis, v.18, 2017.

MEDEIROS, Maria Beatriz. Sugestões de conceitos para reflexão sobre a arte contemporânea a partir da teoria e prática do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. In: **Art Research Journal: Perspectivas multidisciplinares no campo da arte**. V.04, nº1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/11808>. Acesso em: 21 jul. 2021.

OLIVEIRA, Andreia Machado. Arte socialmente engajada e práticas de colaboração: ações movidas pelos afectos. In: **ArtSensorium**, V.7, n 1, 2020. Disponível em: 05. Arte socialmente engajada e práticas de colaboração: ações movidas pelos afectos | Oliveira | Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais - Art&Sensorium (unespar.edu.br). Acesso em: 01 jun. 2021

RANCIÈRE, Jacques. Será que a arte resiste a alguma coisa?. In: **Revista eletrônica Rizoma**. Disponível em: <www.rizoma.net/interna.php. Acesso em 06 jun. 2021.

ROLLA, Marco Paulo. O corpo da performance. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p. 124-129, jan./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2715> . Acesso em: 20 jan. 2021.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Reflexões sobre comparativismo em uma sociedade multicultural: a proposição do método autoetnográfico. In: **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v.7, n.14, p. 11-23, 2008. Disponível em: <http://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/426/319>. Acesso em: 11 mai. 2020.